A dona do Café Mühle

Helena Marten

A dona do Café Mühle

Romance histórico

EDITORA EUROPA

Título Original: DIE KAFFEEMEISTERIN by Helena Marten
© 2011 by Diana Verlag, München
a division of Verlagsgruppe Random House GmbH, München, Germany

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL RESERVADOS PARA
Editora Europa
Rua MMDC, 121
São Paulo, SP

Editor e Publisher	Aydano Roriz
Diretor Executivo	Luiz Siqueira
Diretor Editorial – livros	Mário Fittipaldi
Tradução do original em alemão	Marc Bröcker
Preparação	Paola Schmid
Revisão	Patrizia Zagni
Capa	Fotomontagem de Jeff Silva
Imagens da capa	*Marquise de Pompadour à sa Toilette* (François Boucher) e iStockphoto

Dados Internacionais de catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Marten, Helena
A dona do Café Mühle / Helena Marten ; [tradução Marc Bröcker]. — São Paulo : Editora Europa, 2013.

Título original: Die Kaffeemeisterin
ISBN 978-85-7960-173-6

1. Ficção 2. Romance histórico I. Título.

13-04583 CDD-830

Índices para catálogo sistemático:
1. Romance histórico : Literatura alemã 830

Atendimento ao Leitor	Fabiana Lopes – fabiana@europanet.com.br
Livrarias	Flávia Pinheiro – flaviapinheiro@europanet.com.br
Promoção	Aida Lima – aida@europanet.com.br

Este livro foi produzido com papel proveniente de fontes renováveis

Sumário

Prólogo 7

Primeira parte – O salão das senhoras 17

Capítulo 1 19
Capítulo 2 39
Capítulo 3 51
Capítulo 4 62
Capítulo 5 80
Capítulo 6 97
Capítulo 7 110
Capítulo 8 120
Capítulo 9 132
Capítulo 10 148

Segunda parte – Veneza e Constantinopla 161

Capítulo 11 163
Capítulo 12 176
Capítulo 13 184
Capítulo 14 190
Capítulo 15 199
Capítulo 16 206
Capítulo 17 219
Capítulo 18 229
Capítulo 19 237
Capítulo 20 262
Capítulo 21 272
Capítulo 22 280
Capítulo 23 286
Capítulo 24 296

Terceira parte – O novo Café Mühle 305

Capítulo 25 307
Capítulo 26 318
Capítulo 27 330
Capítulo 28 344
Capítulo 29 351
Capítulo 30 363
Capítulo 31 374
Capítulo 32 383
Capítulo 33 404
Capítulo 34 422
Capítulo 35 443
Capítulo 36 454
Capítulo 37 470
Capítulo 38 489
Ficção, realidade e agradecimentos 509

PRÓLOGO

Frankfurt, 1729

Joanna logo voltou a fechar as janelas para que não entrasse ainda mais frio no quarto. Lá fora, tudo estava branco. A luz da lua, que pairava baixa sobre a cidade, era refletida pela grossa manta de neve, de modo que, apesar de bem cedo, a Praça do Mercado[1] à sua frente já estava surpreendentemente iluminada. Através dos cristais de gelo no vidro, ela reconheceu seu vizinho, o cartógrafo Ludwig Haldersleben, munido de uma grande pá e removendo a neve da calçada à frente da sua loja. No lugar da habitual peruca antiquada, vestia na cabeça uma boina de granadeiro amassada.

Joanna sentiu arrepios de frio. Era exatamente esse o trabalho que a esperava. Scott, seu sobrinho de catorze anos, ainda dormia. Havia concedido o dia livre às suas duas empregadas, Anne e Sybilla, já que ambas ultimamente haviam trabalhado mais do que nunca desde que lhe ficara impossível empregar uma terceira.

1. A Praça do Mercado de Frankfurt (hoje: Markt) também é chamada tradicionalmente de Alter Markt (Mercado Antigo). (N.T.)

Adam não a ajudaria. Ele havia passado a noite toda tossindo, acordando-a várias vezes com sua respiração ofegante, inclusive a fazendo levantar-se uma vez para preparar-lhe uma infusão de folhas secas de sálvia e flores de camomila, que normalmente aliviava os acessos — mesmo que Adam não quisesse admiti-lo.

— Não aguento mais essa porcaria, Jô. Em vez disso, faça-me um café! — disse ele, com olhar desdenhoso para a xícara de chá.

Contudo, ela não lhe deu ouvidos, refazendo-lhe também a botija quente, com brasas frescas do forno, e recolocando-a na cama, envolta em um pano.

Agora ele dormia. A vela na lanterna se apagara, mas ela podia ver seu marido nitidamente à luz da lua. Ele estava deitado de costas, com a boca entreaberta. Pérolas de suor brilhavam sobre sua testa pálida e os cabelos já ralos nas têmporas estavam molhados. Com suas faces macilentas e o nariz pontudo, seu aspecto não era bom. Mesmo seus ombros, que apontavam por baixo da coberta de penas, pareciam menos largos e vigorosos do que antes, quando haviam se casado.

Quanto tempo fazia? Pelas suas contas, já seriam oito anos no Natal. Como o tempo tinha passado… Tinha vívido na lembrança o seu primeiro encontro com Adam Berger, o orgulhoso proprietário do Café Mühle[2], na Praça do Mercado de Frankfurt, já na segunda geração. Com suas duas filhas — Margareth devia ter dois ou três anos na época, mas Lili ainda era um bebê, com menos de doze meses — aparecera de repente na sala de estar da

2. O nome original da cafeteria, *Coffeemühle*, é composto da junção da palavra inglesa *coffee* (café) com a palavra alemã *Mühle* (moinho), ou seja, "Moinho de Café". O uso da palavra inglesa no lugar da alemã *Kaffee* provavelmente se deve ao fato de as primeiras cafeterias da Alemanha terem sido fundadas no norte do país por ingleses e holandeses, que dominavam o comércio de café na Europa, nos anos de 1670. Como Adam Berger é descrito como proprietário do *Coffeemühle* em segunda geração, sua família certamente foi pioneira no ramo, e a cafeteria pode muito bem ter sido a primeira da região. (N.T.)

casa dos seus pais, em Bornheim[3]. Seu pai acabara de voltar da colheita de maçãs e sua mãe havia preparado um enorme caldeirão de sopa de batatas para a família inteira.

— Onde comem seis pessoas, mata-se a fome de mais duas — disse alegremente. — A pequena ainda não come de verdade, come?

Seu pai apresentara o estranho como parente distante, cuja querida esposa, Luise, falecera no último verão, em decorrência da sepse materna. Adam, o gigante loiro, parecia meio desajeitado, em pé ali com a pequena Lili chorando no seu colo. Margareth escondeu-se atrás das suas pernas, enquanto os três irmãos de Joanna olhavam os visitantes com assombro. Finalmente, ela tirou-lhe a criança que esperneava agitada e andou com ela pela sala, embalando-a e ninando-a até que a pequena adormeceu tranquila em seus braços. Assim fez sempre com seus irmãos menores, os gêmeos Leopold e Kaspar, para ajudar sua mãe. Naquela noite, Adam Berger passou o jantar inteiro admirando-a e, alguns dias depois, pediu sua mão ao seu pai.

Os sinos da catedral começaram seu concerto matinal de domingo. Eram quase seis horas. Tremendo de frio, Joanna ajustou seu xale de lã sobre a camisola de linho. Ela faltaria novamente à missa na Nikolaikirche[4], por causa dessa maldita neve que seria obrigada a limpar da calçada. E ainda era novembro — muito cedo para uma invasão tão rigorosa do inverno! Mais tardar às sete e meia teria de abrir a loja para os muitos frequentadores da igreja que estariam na frente da porta, ávidos por uma xícara de café. De modo algum poderia deixar os clientes esperando na neve profunda e muito menos arriscar-se a que alguém escorre-

3. Bornheim: bairro da zona leste de Frankfurt, próximo ao centro. Na época, tinha cerca de mil habitantes e a distância relativa entre bairro e centro era maior, caracterizando-o ainda como zona rural. Hoje, tem quase 28 mil habitantes. (N.T.)
4. Nikolaikirche: refere-se à hoje chamada *Alte Nikolaikirche* (igreja antiga de São Nicolau), no centro histórico da cidade. Construída no século XII, seu aspecto atual — e do tempo da narrativa — remonta ao século XV. (N.T.)

gasse e quebrasse os ossos justamente na frente do Café Mühle. Não, por essa vergonha não passaria! Teria de fazer da necessidade virtude e, como Ludwig Haldersleben, pegar a pá e livrar-se da neve de uma vez. Mas, antes, daria uma olhada nas crianças. E faria umas compressas nas panturrilhas do marido. Ou prepararia uma segunda infusão de ervas. Ah, se soubesse como o livrar das dores! E ele sentia dores, não havia dúvida, e não somente no peito. Isso era novo; essa tosse ruidosa e ofegante começara agora, no outono, com os dias de frio úmido. As cólicas na barriga ele tinha havia mais tempo. Não admirava que houvesse emagrecido tanto. Desde a primavera já lhe faltava apetite.

— Jô? Eu…

O restante da frase foi engolido por um acesso de tosse. Enquanto Adam Berger mantinha a mão pressionada contra o peito, para, em uma tentativa desesperada, calar os latidos roucos, fazia-lhe sinal com a outra mão, chamando-a para perto da cama.

— Joanna, minha querida Jô, como eu adoraria ter tido um filho com você. Sabe disso? — cochichou ele. Seus olhos brilhavam, febris. — Mas agora creio ser tarde demais…

— Como assim *tarde demais*? — indignou-se Joanna.

Ela mesma percebeu que não havia convicção na sua réplica.

— Jô, você sabe que vou morrer, não sabe?

Sua garganta, de repente, secou. Ela sentou-se ao seu lado, no canto da cama. Sim, ela sabia, por Deus, mas não seria agora! Era cedo demais. Adam tinha quarenta anos, não era hora de morrer! Ela obrigou-se a confirmar com um movimento da cabeça.

— Não vai demorar, entende? Posso sentir a morte aproximar-se. À noite, quando não consigo dormir, escuto seus passos. Esta noite, ouvi-a bem perto, como se viesse atravessando a praça em direção à nossa casa.

— Não pode ser, Adam! — Joanna pigarreou. — Esta noite nevou. Olhe pela janela! Está tudo branco, a neve tem pelo menos uma vara de altura e abafaria qualquer ruído.

— Jô, foi isso que sempre amei mais em você: sua confiança. Você sempre acredita que, no final, tudo vai ficar bem!

Ele riu baixinho, provocando um chiado excessivo no peito. Ao recuperar o fôlego, seguiu:

— Dessa fé você não pode abrir mão, está ouvindo? Você precisa ser forte e corajosa, pois logo terá de tocar o café sozinha, e será bem logo. O Café Mühle é seu futuro e o das crianças. Não poderei deixar-lhes dinheiro como herança, pois tudo o que tive investi no negócio. Você deve tornar o Café Mühle a casa mais cobiçada da praça, entendeu? É a sua única chance!

Mais uma vez, um acesso de tosse sacudiu seu corpo débil. Ele havia levantado para respirar melhor, mas já estava nos estertores. Joanna bateu nas suas costas com força. O lenço com o qual Adam cobria a boca tingiu-se rapidamente de vermelho.

— Desde quando você está cuspindo sangue? — perguntou ela, assustada.

— Já faz algum tempo. Eu não disse nada para não a preocupar — arfou ele. — Não é tão grave quanto parece, vai passar…

Joanna sentiu as lágrimas jorrando de seus olhos.

O que Adam havia dito? Ela sempre acreditava em um final feliz… Desta vez, não estava tão segura. "Oh, Adam, você não pode me deixar!", suplicou, calada. "Como vou viver sem você? As crianças, o Café Mühle — tudo isso é demais para mim…"

Como se ele houvesse lido seus pensamentos, sorriu e apertou a sua mão. Seu olhar era suave e carinhoso.

— Você consegue, minha menina! — pareceu dizer-lhe — Mesmo que eu logo esteja morto, a vida para você continua. E tudo ficará bem, acredite!

Joanna afastou o véu de lágrimas dos olhos com uma piscada. Ela fungava, baixinho.

Adam apertou novamente a sua mão.

— Jô, minha querida, amada Jô… — disse.

Então, sua voz tornou-se sóbria e negocial.

— Prometa-me que vai prestar muita atenção agora, sim? Não nos resta muito tempo, em pouco mais de uma hora, os clientes estarão diante da porta. Nem mesmo aos domingos estamos livres deles. E você ainda precisa…

— Eu sei — interrompeu ela, quase zangada —, eu ainda preciso tirar a neve da entrada!

Quando Adam finalmente terminou seu discurso, a lua se escondeu atrás de uma nuvem. De súbito, o quarto tornara-se tão escuro que mal podia reconhecer seu rosto. Ela via apenas o contorno de seu corpo inclinado para frente, que se contorcia em fortes espasmos. O esforço que o falar excessivo lhe causara fazia-o tossir tanto que ela temeu que ele se asfixiasse. Finalmente, ele afundou, exausto, nos travesseiros.

— Não se preocupe, Jô! — sussurrou ele, enquanto ela vestia suas roupas frias na escuridão. — Você é forte, mesmo que não tenha percebido até agora. Eu nunca vi ninguém que tivesse a sua força. Já no nosso primeiro encontro, eu soube. Essa Jô, na verdade, nem precisa de um homem, pensei.

Sua voz começou a falhar, quando, depois de uma breve interrupção, voltou a falar.

— Era eu quem precisava de você, Jô! E as meninas também. Ainda precisam, sobretudo quando eu não estiver mais aqui. Cuide bem delas, entendeu, Jô? Você é tudo o que elas têm. Você e o Café.

Joanna fechou o último botão do vestido e aproximou-se da cama. Ajoelhou-se ao lado de Adam e as lágrimas agora escorriam livremente pelo seu rosto. Com as duas mãos, agarrou a mão direita dele, sentindo-a fria e estreita sob seus dedos.

— Você tem mãos tão quentes e agradáveis — murmurou ele, exausto. — Sempre teve. E até mesmo os seus pés são quentes, não importa quanto frio faça lá fora.

— Tenho que ir, amado — soluçou ela, levantando-se.

— Sim, vá — respondeu Adam. — Os negócios chamam.

Ela inclinou-se sobre ele para beijar sua testa úmida, mais sentindo seu sorriso do que o vendo na escuridão.

— Ah, Jô! — chamou Adam, quando ela já saía pela porta — Há mais uma coisa que queria lhe dizer: se algum dia não souber mais como continuar, contate meu amigo Floriano Francesconi, de Veneza. Ele é dono da melhor cafeteria da cidade. O velho malandro ainda me deve um favor. Além disso, ele ajudaria uma mulher bonita como você de qualquer forma, por princípio!

Adam pareceu quase alegre, divertido, de fato. Mas Joanna não tinha mais tempo para perguntar-lhe sobre esse estranho amigo. Tinha que descer com urgência para o café.

— Sim, sim, meu querido! — ela acenou-lhe mais uma vez. — Mas agora me prometa que vai dormir. Mais tarde certamente vai se sentir melhor!

Perguntava-se se Adam acreditou em seu desfastio fingido, enquanto tenteava lenta e cuidadosamente a escadaria escura até o térreo. Decidiu que voltaria mais tarde para vê-lo. Mais tarde? De repente, seu coração pareceu parar. Adam estaria vivo da próxima vez que entrasse na alcova? Ou estaria apenas o cadáver frio esperando-a? Sentiu uma brusca repulsão de si mesma. Que pensamentos horríveis cultivava? Seu marido morto? Mas de que adiantava enganar-se? Tinha de encarar os fatos: podia mesmo ser que Adam morresse em breve. Ela teria de considerar que cada conversa com ele poderia ser a última.

As palavras do marido voltaram-lhe à mente. "Você é forte", dissera ele. De onde ele tirara essa ideia? Ela era somente uma simples filha de camponeses de Bornheim, libertada da servidão e transformada em cidadã da cidade imperial livre apenas em virtude do casamento com o dono de uma casa de café de Frankfurt. Mas essa cidadã livre existia meramente no papel. No fundo da sua alma, era ainda a garotinha tímida que sempre contara com o grande e forte Adam, com sua natureza serena e confiável, seus ombros largos e sua voz profunda, com a qual formulava suas

vontades de maneira gentil, mas assertiva. Nunca alguém ousara levantar-se contra Adam Berger. Sempre todos fizeram o que ele demandava. Com ela certamente não seria assim, disso sabia desde já. Começando por Scott, que sempre obedecera somente ao seu tio, mesmo quando ela lhe tinha pedido o mesmo favor momentos antes. E o que dizer dos fornecedores, com os quais agora ela devia negociar? E teria que cuidar das finanças, pelear-se com os fiscais do tesouro e da contadoria pública por sabe-se lá que disposições e exigências que ela certamente desconhecia. E não podia esquecer-se dos invejosos e concorrentes, a cuja mercê estaria. E os piores de todos: os clientes! Por todos esses anos, havia tentado evitar que percebessem o quanto essas pessoas a intimidavam. Eram todos gente astuta da cidade, nunca satisfeitos com a agilidade do serviço. Imaginava que caçoavam dela, a "camponesa desajeitada", pelas suas costas. Para Adam, sempre foi fácil trocar algumas palavras amigáveis com seus clientes; até mesmo com os estrangeiros, que vinham para as feiras[5], ele conseguia comunicar-se de alguma forma. Ela, por sua vez, sentia-se tesa e inibida na presença de desconhecidos. Não era mesmo, nem de longe, uma taverneira nata.

Mais uma vez, tinha os olhos molhados e a garganta seca.

Era impossível. Ela não podia tocar o Café Mühle sozinha! Simplesmente não estava à altura dessa enorme tarefa. E como poderia estar?

O chão de pedras irregulares embaixo dos seus pés indicou-lhe que havia chegado ao vestíbulo. Ali à frente devia estar a porta que dava para o Café. Ela fungou e empinou o nariz. De

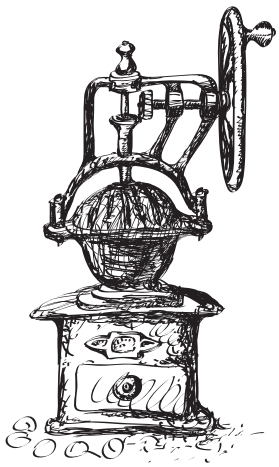
5. Em razão da posição geográfica favorável, na confluência dos rios Meno e Reno, ambos vias importantes de tráfego de mercadorias, Frankfurt desenvolveu-se como um dos principais pontos de comércio já na Idade Média e mantém esse destaque até hoje. Em uma era sem tecnologia, as feiras tinham um papel fundamental para a troca de mercadorias entre áreas geograficamente distantes entre si, devido à sua periodicidade com datas e locais definidos. A "feira de outono" (*Herbstmesse*) de Frankfurt já era célebre no século XII. (N.T.)

que adiantava desanimar agora? De repente, reconheceu, com uma clareza surpreendente, que devia encarar o seu destino. De maneira alguma podia deixar que o medo por Adam ou sua própria covardia a impedissem de trabalhar. Ela, sozinha, tinha agora a plena responsabilidade pelo Café Mühle, pelas crianças, pelos funcionários. Não lhe restava dúvida do que tinha de fazer.

Ela sentiu a maçaneta grossa e redonda embaixo de seus dedos e aprumou os ombros. Tinha que conseguir, não havia alternativa. Afinal, queria que Adam se orgulhasse dela. Mesmo que ele só pudesse assistir do céu, ela faria da casa de café da sua família a maior e mais bela do país inteiro.

Primeira parte

O SALÃO DAS SENHORAS



CAPÍTULO 1

Primavera de 1732

Joanna abriu a porta do café e espantou-se com o silêncio tenso que havia no ambiente. Ninguém percebeu quando ela cruzou a soleira da porta, apesar do bater dos copos de estanho na sua bandeja, acompanhado do tilintar ritmado do molho de chaves em seu cinto.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ela, em voz alta.

Havia dez pessoas naquele final de tarde, e ninguém reagiu. Era um dia tempestuoso de março e o vento fez a porta atrás dela bater.

Somente quando chegou ao meio da sala viu o que todos olhavam. Até mesmo Scott, seu ajudante, um jovem bonito e sempre mal-humorado, que se interessava pouco pelo mundo à sua volta, tinha o olhar fixo na mulher estranha, sentada ao lado da lareira.

Suas roupas eram feitas de tecidos e mantos de cores vivas, que envolviam seu corpo em várias camadas. Na cabeça, usava um chapéu em forma de torre, colorida como uma arara, com um pequeno véu. No mínimo, três cachecóis davam voltas justas em

seu pescoço. Com olhar místico e braço bem esticado, balançou três vezes uma pequena cumbuca de café, muito vagarosamente, para lá e para cá, na frente do seu corpo. Não movia somente o braço, mas todo o seu corpo acompanhava aquele oscilar, como um sacerdote espalhando o incenso. Dramática, ela parou e, de olhos fechados, soprou a cumbuca algumas vezes, como se quisesse trazer o líquido ali contido à vida. Voltou a abrir os olhos e fitou intensamente o rapaz à sua frente, o filho do dono de um moinho de pólvora do Eifel[1].

— *Beberr copa inteirraa!* — disse ela, cheia de solenidade, e com um sotaque estrangeiro tão obviamente falso que Joanna quase soltou uma gargalhada.

Ao pegar a pequena tigela das mãos dela, os dedos do menino tremiam. Apressadamente, ele engoliu o líquido negro. Com um gesto tranquilizante, a vidente recomendou que bebesse mais devagar. Ninguém falava; todos olhavam fascinados. Somente dois indiferentes jogadores de bilhar voltaram à sua mesa na salinha dos fundos.

— De onde você tirou essa aí, Joanna? — perguntou um deles, o filho do ferreiro da Fahrgasse[2], ao passar por ela.

Quando as primeiras bolas de bilhar começaram a bater ruidosamente umas contra as outras, a vidente contorceu o rosto em uma careta tensa, como se o esforço para manter a conexão com o outro mundo fosse enorme. O rapaz agora mostrava certa indiferença. Quando ele depositou a xícara vazia de volta ao pires, a mulher pegou-a e segurou-a com os braços estendidos para cima, como se fosse um sacrifício.

— *Turuus, tandurum dot schamis teleta tarbus manadoridum. Turuus* — murmurou.

1. Eifel: região de colinas no oeste da Alemanha, que abrange também uma pequena parte do leste da Bélgica. Ocupa parte do sudoeste da Renânia do Norte-Vestfália e do noroeste da Renânia-Palatinado.
2. Fahrgasse: uma das ruas principais do centro histórico de Frankfurt.

As palavras exóticas soavam para Joanna como um idioma inventado.

— *Demorra uma momenta. Prrecisa esperrar!*

A mulher verteu a cumbuca sobre o pires e deixou o olhar pensativo vagar à distância.

Nem mesmo Ludwig Haldersleben, o cartógrafo do outro lado da rua que até então havia estado compenetrado em seu jornal, aguentou mais ficar no seu lugar, na mesinha ao lado da entrada, normalmente reservada a amigos e gente da família. Com uma piscadela divertida em direção a Joanna, aproximou-se sorrateiramente, para não incomodar a vidente, do agrupamento em torno da mesa da mulher. O ranger de uma tábua do assoalho fez a estranha levantar a cabeça. Ela olhou para o cartógrafo com gravidade, como que para uma criança levada.

Desde o momento em que percebeu o que essa mulher estava fazendo em suas instalações, Joanna perguntou-se como se livraria dela. Se se espalhasse o boato de que em sua cafeteria lia-se a borra do café, ela poderia rapidamente se ver em dificuldades. Outros haviam perdido licenças por coisas como essa, e até mesmo sido levados ao tribunal.

No momento, ela não podia sequer se dar ao luxo de levar uma multa. A mulher estava praticamente pedindo para ser chamada de bruxa, mesmo que, naqueles dias, muitos já não levassem aquelas coisas muito a sério.

É verdade que sempre havia quem comprasse aquela farsa. Isso Joanna sabia desde criança. Bastava que seus amiguinhos se zangassem com ela, que logo diziam: "Esqueceram-se de você quando queimaram as bruxas?". Somente porque tinha cabelos vermelhos e um nariz um pouquinho maior e mais pontudo.

Joanna franziu a testa e semicerrou os olhos. Que tremenda charlatã! Essa mulher era descarada demais. Por que corria o risco de ir parar na cadeia e levar Joanna consigo? E que falta de

respeito era esse de simplesmente se sentar em seu café e fazer suas demonstrações sem lhe pedir permissão! Scott deveria ter intervindo logo, mas, ao que parecia, deveria ter estado ocupado consigo mesmo, como de hábito.

Ela olhou para o seu sobrinho e ajudante. Ele costumava camuflar sua insegurança com uma atitude de extrema serenidade. Agora estava boquiaberto. Havia esquecido tudo e todos à sua volta, e a expressão do seu rosto era infantil e embasbacada.

Joanna depositou sua bandeja ruidosamente na mesa da cozinha.

— Você quer que eu perca a minha licença? Como você permite uma coisa dessas? — disse, trazendo o rapaz de volta à realidade.

Ele apenas a olhou, assustado, balançou a cabeça brevemente e voltou a olhar fixamente para a vidente. Ele pareceu nem notar que o café fervia na panela.

— Será que não posso sair para o pátio por um instante, sem que algo aqui dentro dê errado? — rugiu ela, zangada, em direção a Scott.

Mas este pareceu nem escutar as palavras, de tão fascinado que estava. "Por que ele tinha dado a essa mulher uma xícara com pires, que era exatamente do que ela precisava para o seu negócio?" — irritou-se Joanna. Todos os outros bebiam em copos. Ela devia tê-la pedido especialmente, e Scott, inexperiente como era, não se atentara ao perigo.

Rapidamente, Joanna agarrou dois grossos pegadores de panelas e tirou o pote de latão do fogo. Com o gancho de ferro, empurrou dois dos queimadores em forma de anel sobre as chamas, para reduzir o calor. Orgulhava-se do seu novo fogão de alvenaria com chapa de ferro. A chapa oferecia bastante espaço para aquecer quantas panelas de café quisesse e os anéis permitiam a regulagem perfeita do calor. Tal era seu entusiasmo pela nova tecnologia que às vezes empurrava os anéis de diferentes tamanhos

para lá e para cá, como se fosse um jogo. Ninguém além dela possuía um fogão tão moderno! Sem falar na coifa de exaustão! Evitava que a sala ficasse cheia de fumaça, o que era o caso de seus concorrentes. É claro que a coisa toda lhe havia custado uma fortuna, consumindo toda a pequena reserva que havia juntado após a morte de Adam com trabalho duro e economia ferrenha.

Ela pendurou os pegadores de volta ao gancho e dirigiu a atenção para os acontecimentos no salão. Desistiu de chamar a atenção de Scott novamente. Olhar o novo fogão sempre melhorava seu humor.

A vidente acabara de levantar a xícara entornada e inclinara-se sobre o pires para poder estudar melhor a borra deixada nele. As bolas de bilhar e o crepitar do fogo eram os únicos ruídos que quebravam o silêncio na sala. Vez por outra a lenha estalava no fogo e ouvia-se o vento assobiando ao redor da casa.

Nada se via no pires além de uma minúscula mancha escura no meio e algumas gotas de café em volta.

"Claro", pensava Joanna, "o café que ela servia não tinha muita borra!".

Quando ela e seus empregados passavam o café da panela para os bules, prestavam toda a atenção para não derramar o resíduo. O pouco que restava no bule não passava para a xícara. Pequenos borrões escuros no pires eram resultado tão somente do desdém de Scott, o menos atencioso dos seus ajudantes. Como era parecido com seu pai, Simon, o irmão mais velho de Joanna! A mesma indiferença, a mesma frivolidade ao lidar com as coisas. Mas ela ainda o educaria!

— Eu vérr muita sucesso. Um posição imporrtante.

Cheia de reverência fingida, a vidente olhava para o jovem à sua frente, cuja cara cheia de espinhas enrubesceu em um vermelho tão intenso que se destacou na penumbra invernal da cafeteria. Nessa época do ano, o sol não subia o suficiente para iluminar o salão principal do Café Mühle, muito menos na parte

da tarde. O menino virou-se, como quem busca aprovação de seu pai, que permanecia encostado em uma coluna, observando divertido o que se passava.

— *Muitas filhos* — continuou a mulher. Com seus dedos pequenos, indicava para o borrão, como se houvesse mais algo para ver ali. — *Isso querr dizer: muita dinherro.*

Joanna havia visto o bastante. Preferia evitar brigas e discussões. No passado, Adam teria cuidado do assunto. Depois da sua morte, ela havia sido demasiadamente tolerante por medo de se meter em confusão. Contudo, acabara por perceber que uma taverneira não podia ser tímida.

— *Bravo*! Você terá uma vida feliz! — disse ela, batendo palmas ruidosamente para o rapaz.

As palmas quebraram o transe do grupo.

Com passos rápidos, aproximou-se da vidente e cochichou-lhe no ouvido:

— Vamos primeiramente tratar dos negócios, Madame, antes de continuar!

Ela apontou com a mão esquerda a porta da despensa, de onde se ouvia o som alto dos pilões. Pousou a mão direita sobre o ombro da mulher.

— Eu ainda não terminei — respondeu, petulante. Qualquer traço de sotaque havia desaparecido da sua fala.

Ela tentou livrar-se da mão de Joanna e não deu sinais de pretender levantar-se. Em vez disso, acenou para Scott, como se ele fosse o anfitrião e como se a cidade inteira não soubesse que era Joanna a dona do Café Mühle, para que ele lhe servisse outra cumbuca. Mas Scott não reagiu ao seu sinal.

O rapaz do Eifel, após um novo olhar inseguro para o pai, manuseou desajeitadamente seu porta-moedas, tirando dele algumas moedas de prata que colocou sobre a mesa.

Antes que a vidente pudesse agarrá-las, Joanna já as tinha na mão.

— Esta é a minha parte — sussurrou no ouvido da estranha. — Se quiser a sua, é melhor que venha comigo!

Indignada, a vidente olhou à volta. Mas, como ninguém se dispôs a ajudá-la, resolveu então seguir Joanna à salinha ao lado. Um de seus longos cachecóis de franjas enganchou-se em uma farpa de madeira, deixando a mulher pendurada na cadeira, da qual se libertou com mesuras.

Enquanto isso, o pequeno agrupamento se dissolvia aos poucos. O cartógrafo voltou ao seu jornal, os jogadores de dados voltaram ao seu lugar cativo ao final da longa mesa, o mais frio da sala, na frente da porta do pátio — escolha, aliás, que sempre espantou Joanna. Somente o dono do moinho de pólvora e seu filho permaneceram olhando cativados atrás da vidente, quando Joanna abriu a porta da despensa e apressadamente empurrou a mulher para dentro. Esta imediatamente tapou os ouvidos de forma teatral, ao mesmo tempo que aspirava avidamente o perfume do café fresco pelas narinas.

Anne e Sybilla seguravam grandes tuchos nas mãos, com os quais esmagavam alternadamente os grãos de café recém-torrados em um grande pilão de pedra no chão.

Todas as noites queixavam-se de dores nas costas, ombros e braços, mas rejeitavam veementemente a aquisição de um moedor de café moderno. O café moído no moedor não era a mesma coisa, afirmavam as empregadas. Ao menos havia conseguido que aceitassem o novo fogão, felicitou-se Joanna. Suas serventes eram irremediavelmente antiquadas, não havia dúvida disso.

As duas mulheres interromperam o trabalho e Anne começou imediatamente a massagear seu braço, para que a patroa não deixasse de perceber a fadiga à qual se submetia. Era uma mulher pequena e extremamente ágil, que se dava extrema importância e, às vezes, levava Joanna à loucura com suas ideias e comentários. Acerca de tudo tinha uma opinião, e nunca a guardava para si. Custava grandes esforços a Joanna impor-se perante sua

própria servente. Apesar de Anne parecer muito mais fervorosa e rápida que a mais idosa e pachorrenta Sybilla, era essa última quem acabava fazendo a maior parte do trabalho, sem nunca resmungar. Também agora seu rosto largo, levemente coberto pelo suor, permanecia completamente inexpressivo. O mundo não reservava surpresa alguma para ela. A mulher disfarçada de bruxa não continha, para a camponesa Sybilla, segredo algum, nada que pudesse despertar sua curiosidade. Ao menos, era o que parecia. Ela havia agarrado o pau-de-pilão com as duas mãos e encostado-o sobre o canto do pilão de pedra.

— Como você se atreve a ler a borra do café na minha casa, sem pedir permissão?

Joanna esforçou-se para imprimir rigor à sua voz. Tinha os braços cruzados no peito e fitava a vidente com raiva no olhar.

Contudo, a mulher apenas sorriu petulantemente.

— Ah, esta taverna é sua? Eu não sabia — retrucou ela, entediada, e deixou o olhar vagar pela despensa escura.

Isso era típico! Por que as pessoas nunca acreditavam que ela era a dona? Emanava tão pouca autoridade? Joanna procurou suprimir a raiva. Ela sabia que sua voz ficava estridente quando esbravejava.

— Quem é você afinal? — perguntou, objetiva.

— Você adoraria saber, não é? A falsa vidente riu de forma desprezível. Com um passo rápido em direção à saída, tentou reabrir a porta para o salão. Imediatamente, Joanna cravou-lhe as duas mãos no braço. O rosto da mulher contorceu-se de dor.

— Devolva o meu dinheiro! — bufou ela.

— Agora pare com os seus joguinhos e diga-nos quem é e o que quer!

A paciência de Joanna estava por um fio. Ela reforçou a pressão das mãos em volta do braço flácido da mulher.

— O que houve? — perguntou Anne, intrometendo-se, curiosa.

A vidente respondeu condescendentemente:

— Eu vejo o futuro na borra do café, queridinha.

Outra vez tentou livrar-se do apertão de Joanna e alcançar a saída, em vão.

— Se você quiser, eu lhe direi como será a sua vida! — continuou, inabalada.

Nesse momento, Sybilla levantou ameaçadoramente o pau-de-pilão, aproximando-se da mulher como se fosse golpeá-la na cabeça. A vidente abaixou-se, amedrontada, enquanto Joanna sinalizava a Sybilla que se contivesse.

Raciocinava febrilmente sobre o que fazer. Parecia que não conseguiria tirar informação alguma da mulher, mas não podiam ficar ali por muito tempo, as quatro naquele espaço apertado, tanto mais porque sua presença certamente era necessária no salão.

O tilintar do sino da porta na sala ao lado arrancou-a de seus pensamentos. Pouco depois, ouviu-se uma voz alta e prepotente.

— Fomos informados de que haveria uma vidente praticando seu ofício aqui. Onde está ela?

Um calafrio gelado desceu as costas de Joanna. Anne tapara a boca com as mãos, de susto; apenas Sybilla permaneceu com a mesma cara de sempre. Todos sabiam o que aquela voz significava: o preboste havia enviado seus *piketts*, que é como o povo de Frankfurt chamava seus policiais. Alguém havia dado queixa.

Somente a culpada não se abalou. Aproveitando a oportunidade, livrou-se da surpreendida Joanna e dirigiu-se à porta. Quando já esticava a mão para a maçaneta, Anne rapidamente deu-lhe uma rasteira, fazendo-a tropeçar. Com impressionante presença de espírito, Joanna agarrou a mulher em meio à queda, logo lhe tapando a boca com a mão.

— Mmhhmm…. Mhmmmm — tentou fazer-se notar. Ela batia e chutava em todas as direções, mas, em meio a todos aqueles panos, mal podia mover-se. Finalmente, Sybilla decidiu que bastava. A servente deixou seu pilão cair e virou o braço da

mulher com tanta força nas suas costas que esta se calou prontamente.

— Aqui não há vidente alguma — instruiu a voz de Scott, vinda do Café.

"Finalmente ele resolveu assumir algo parecido com responsabilidade", pensou Joanna, aliviada. Esperava que somente ela, que o conhecia bem, houvesse notado os traços de insegurança no seu timbre.

— Onde está o responsável? — disse o policial.

— Eu preciso ir — sussurrou Joanna às duas empregadas. — Vocês têm de mantê-la quieta.

Anne concordou diligentemente, enquanto Sybilla, por precaução, deu um pontapé na canela da mulher para que ela nem pensasse em soltar um pio, quando Joanna tirasse a mão da sua boca.

— Não a machuquem! — cochichou no ouvido de Anne, sem que a mulher pudesse ouvi-la. Sybilla às vezes lhe causava um teimor respeitoso. Além de abater animais e torcer o pescoço de galinhas, ela era capaz de afogar gatinhos e capturar ratos. No último verão, nem mesmo uma cobra venenosa foi capaz de meter-lhe medo. O bicho havia se instalado numa brecha do muro do pátio; uma pedra, com a qual Sybilla esmagara-lhe a cabeça, evitou que seu jardim virasse um ninho de serpentes. Nunca seu rosto largo mostrou qualquer envolvimento emocional. Joanna não queria encontrar a leitora de borra com o pescoço quebrado.

— Minha touca está bem? — perguntou ela a Anne.

Com o olhar concentrado, a servente alisou a touca branca de linho da sua patroa, depois seu avental, enquanto Joanna refazia o laço atrás das suas costas.

— Tudo em ordem, senhora Joanna. Não se vê sinal da luta.

Nesse ínterim, Sybilla havia jogado a vidente com o tronco sobre a mesa, como se a preparasse para o abate. Com uma mão ainda lhe tapava a boca, com a outra procurava evitar que esperneasse.

— Rápido, a toalha! — ordenou à Anne com a voz rouca, que entendeu prontamente e rasgou em tiras o pano de prato com bordado azul.

"As duas se virariam sem ela", pensou Joanna, com uma mistura de alívio e ansiedade, e respirou fundo mais uma vez. Então, abriu a porta para o salão, fechando-a imediatamente atrás de si.

— Ah, os senhores da justiça! — disse, saudando os homens com alegria fingida. — Boa tarde! Que bom poder recebê-los em nossa casa. O que podemos lhes oferecer?

— Recebemos uma denúncia contra a senhora — disse o mais gordo dos dois, indo direto ao assunto. — Em sua taverna, haveria uma vidente exercendo seu ofício.

Seu tom de voz brusco fazia um estranho contraste com sua aparência e seus modos. Ele tinha tirado o chapéu da cabeça, de modo que seu cabelo escasso e penugento apontava para todas as direções, e estendia as mãos sobre o fogão, a fim de aquecê-las. Suas botas haviam deixado longos rastros de sujeira nas tábuas do assoalho. Ele não a encarava, mas lançava olhares desconfiados na direção dos jogadores de dados, como se suspeitasse que ali houvesse mais um foco de distúrbios.

"Ele deve ser novo", pensou Joanna, pois ela nunca o havia visto antes.

— Meu senhor, deve ser um engano! Aqui não há ninguém que se encaixe nessa descrição. — disse ela, sorrindo inocentemente.

— Isso não pode ser verdade! — soou, nesse momento, uma voz vinda da mesa dos jogadores. — Ninguém tem tamanha sorte!

"Oh Deus, o sobrinho do preboste", reconheceu Joanna, que sentiu o sorriso congelando-lhe nos lábios.

Justus von Zimmer era um notório vagabundo, mas de ótima família. Ele tinha um rosto mediano e pouco marcante, com um nariz grande e polpudo. Seus olhos apenas emanavam audácia, ou talvez a promessa de audácia, pois Joanna nunca havia visto

o jovem patrício fazer outra coisa a não ser jogar conversa fora, beber vinho e café e jogar cartas. Apesar de ser um dos clientes habituais do Café Mühle, era difícil saber em que tipo de humor se encontrava, ainda mais quando havia bebido, o que, a essa hora do dia, era bem provável. Com efeito, destacava-se por parecer ao menos ser livre de qualquer esnobismo de classe.

Quando nenhum de seus companheiros reagiu à sua exclamação, por estarem todos olhando fascinados para Joanna e o policial penugento, ele levantou-se do seu lugar.

Deu uma piscada conspiradora para Joanna e bradou:

— Vocês estão vendo que ninguém aqui corresponde à descrição! Ninguém assim esteve aqui. Vocês deveriam tomar conta dos ladrões desta cidade em vez de espionar gente decente!

Com um gesto dramático, jogou os dados que tinha na mão sobre a mesa.

O policial com a penugem na cabeça não demonstrou reação às palavras do jovem rapaz. Nada indicava que tivesse reconhecido o jogador de dados, com sua peruca da última moda e o terno pomposo.

O segundo *pikett*, um homem de cara opaca e bigode pendente, permaneceu parado atrás do cartógrafo, como se nada daquilo lhe dissesse respeito. Para enfado de Ludwig Haldersleben, para quem a leitura do seu jornal era um ato sagrado que praticava diariamente com extrema devoção, o oficial da polícia tentara o tempo todo participar da leitura do diário por sobre seu ombro.

O penugento dirigiu-se então ao dono do moinho de pólvora e a seu filho, como se intuísse que dos dois conseguiria alguma informação. O garoto prontamente começou a tremer, mas o velho negociante não era tão fácil de intimidar.

— Nós também não vimos ninguém a quem essa descrição se encaixe — disse, com frieza na voz. Ele pegou o pires da mesa e soprou requintadamente o café que havia derramado ali para que esfriasse e, com o mindinho estirado, tomou um grande gole.

— Será que não seria um equívoco? — interveio Joanna novamente, empenhando-se em uma voz solícita e diligente.

Na realidade, sentia-se desolada. Sua vontade era de ir-se e deixar que os outros cuidassem do assunto. Não gostava nada de situações como essa. Sempre havia odiado meter-se em confusão, ainda mais quando tinha de fingir que tudo estava em perfeita ordem. Por que sempre era obrigada a defender seus pertences? Não podiam deixá-la em paz? Já era difícil o bastante criar as meninas e manter a cafeteria. Quantas vezes havia pensado em largar tudo por se achar incapaz da tarefa e acreditar que levaria o negócio à ruína? Seja porque havia poucos clientes, ou demasiados de uma vez, seja porque o café encomendado não chegava, ou era de má qualidade, ou, ainda, porque nem mesmo seus serviçais a levavam a sério e, mal ela relaxava por um momento e não os vigiava, faziam o que bem entendiam? "Oh, Adam, por que me deixou tão cedo?" — pensou ela pela milésima vez desde a sua morte. Às vezes, sentia-se possessa pela raiva, quando se dava conta da enorme responsabilidade em seus ombros — e Deus sabia que não era por escolha própria — e tinha vontade de esconder-se na cama, chorando, com a coberta por cima da cabeça, para nunca mais ter de pisar no salão do Café Mühle.

Joanna sentiu o olhar penetrante do penugento sobre si. Também todos os outros presentes pareciam olhá-la, à parte do outro policial, que seguia letárgico, lendo o jornal de Halderslеben. Como se viesse de muito longe, o único ruído era o bater das bolas de bilhar da sala ao lado. Da despensa não se ouvia um pio. As serviçais tinham a vidente sob controle. Joanna obrigou-se a tomar uma posição. Não tinha jeito mesmo, pois a situação não se resolveria sozinha.

— Eu tenho certeza de que se trata de um equívoco — repetiu ela, resoluta, e forçou-se a um sorriso desarmador.

O *pikett* lançou um olhar duvidoso ao seu colega, que agora observava insistentemente uma medalha na jaqueta de uniforme

do cartógrafo. Haldersleben adorava uniformes, apesar de nunca haver prestado serviço militar. Hoje, vestia a jaqueta azul-marinho dos artilheiros suecos.

Finalmente, o segundo policial levantou o olhar e balançou a cabeça.

— Por certo não há equívoco! Disseram-nos que aqui haveria uma vidente lendo nos resíduos do café. Fomos enviados para cá. Precisamente à sua cafeteria. O Café Mühle no Mercado Antigo. A senhora sabe que a leitura da borra do café é proibida, não sabe?

— Naturalmente! Contudo, como podem ver, não é o caso.

Bum! Da despensa ouviu-se um estrondo, seguido do som de algo caindo e se rompendo. Então, veio novamente o silêncio.

— O que há atrás dessa porta?

O policial com pouco cabelo levou a mão à espada. Sua voz soou excepcionalmente aguda, registrou Joanna mecanicamente, pois o susto lhe havia gelado as entranhas. A sala toda parecia prender a respiração. Até os jogadores de dados olhavam tensos para a porta da despensa. Mesmo Ludwig Haldersleben tirou os olhos, por um momento, do seu jornal. Ele trouxe a vela um pouco mais para perto do papel, lançou um olhar rabugento para o policial que lia por cima do seu ombro e virou a página ruidosamente.

— É apenas a despensa. Nós moemos o café ali. Minhas serviçais entram e saem o tempo todo. Entra, sai, entra, sai, entendeu? O que ouviram foi a porta do pátio batendo.

Quando tinha de ser, Joanna sabia mentir. Era um dos seus pontos fortes — se bem que não havia muito tempo. Antigamente, ficava vermelha somente de pensar em dizer algo que não correspondesse à verdade. Adam caçoara dela muitas vezes, afirmando que seu rosto era um livro aberto. Secretamente, Joanna até se orgulhava de não saber mentir. Quando criança, havia sido flagrada ao deixar uma boneca de pano, que pertencia à sua prima, desaparecer no bolso da sua saia, para levá-la para casa. Sua tia, uma mulher de língua afiada, acusou-a do furto, e, desde

então, nunca mais caiu na tentação de fazer algo desonroso. Demasiada havia sido a vergonha, sobretudo por seus pais terem sido testemunhas da reprimenda da tia. Eles mesmos não haviam ralhado com ela — mas seus olhares severos foram um castigo muito pior. A partir desse dia, Joanna havia sempre se esforçado por probidade, estratégia que havia funcionado muito bem até a morte de Adam.

Contudo, agora que estava só, percebera logo que seus próximos não levavam a verdade tão a sério como ela e que faziam de tudo para tirar vantagens para si. Não que Joanna agora tentasse passar seus parceiros de negócios para trás, mas tampouco acreditava em tudo que lhe dissessem. E, quando não havia outro jeito, lutava com as mesmas armas, deixando ressalvas morais de lado. Mas nunca ficava com uma sensação boa quando não era sincera. Temia que, um dia, tivesse de arcar com terríveis consequências. Também agora lançou um olhar furtivo para o céu, certificando-se de que não atraía nenhuma nuvem negra. Tolo, ela sabia, mas ainda assim se atinha a esse ritual supersticioso.

— Isso não foi uma porta!

O *pikett* de bigode comprido abandonou o jornal e a medalha de Haldersleben e cruzou o salão.

"Lá se foi a presunção de que sabia mentir", pensou Joanna, resignada. Antes que pudesse bloquear-lhe o caminho, o homem já estava com a mão na maçaneta, que chiou alto ao ser girada.

"Acabou-se tudo", pensou. Que apenas não lhe tirassem a licença!

Com os joelhos frouxos, seguiu até a despensa o homem que havia a empurrado para fora do caminho, querendo jogar-se na frente de Anne e Sybilla, protegendo-as.

Contudo, a despensa estava vazia. Os pilões haviam sido deixados em seus devidos lugares, sobre a bancada. O café moído fora despejado em uma bacia grande, que não estava coberta.

O bigodudo sorveu o perfume dos grãos recém-moídos com deleite, como fizera a vidente antes dele. Com as duas mãos, levantou a bacia para perto do nariz.

— Hum! — suspirou ele, encantado.

— Como o senhor pode ver, não há ninguém aqui que se encaixe na sua descrição.

Joanna havia recuperado a postura. Seu medo do policial desaparecera. De fato, ele lhe parecia ser o mais simpático dos dois. Achava que já o havia visto alguma vez, em uma das paradas diárias na Guarda Principal[3].

— Vejamos no pátio! — grasnou o policial penugento atrás dela, com sua voz aguda.

Ele era novo e excessivamente zeloso, presumiu Joanna. Mesmo seu uniforme parecia estar sendo usado pela primeira vez.

O outro deixou, contrariado, a bacia com o pó de café de lado, abriu a porta enguiçada com um tranco e pôs a cabeça para fora.

— Aqui não há nada — disse, fechando com força a porta renitente.

Seu colega tinha a decepção estampada no rosto quando voltaram para o salão.

— Prepare uma xícara de café para os senhores! — ordenou Joanna, pressurosa, ao espantado Scott. Quando este finalmente acordou do seu torpor, pegou um pano grosso e tirou o grande bule de latão do fogo.

— Ou podemos oferecer-lhes algo diferente? — perguntou, olhando para os homens alegremente. — Chocolate, chá ou um vinho quente? Temos de tudo!

Joanna esperava que não lhe notassem o alívio tão obviamente. Ela sabia que não tinha mais nada a perder. Aonde

3. A *Hauptwache* (Guarda Principal) é um edifício barroco, que hoje dá nome à praça e à estação de trens no mesmo local, um dos pontos centrais da cidade. O prédio anterior foi demolido em 1728 e o atual, construído entre 1729 e 1730, ou seja, devia estar recém-terminado no tempo da narrativa. (N.T.)

quer que a tenham levado, suas duas serventes tinham a vidente sob controle. Provavelmente, haviam-na recolhido à alcova no sótão. Os policiais certamente não iriam procurá-la pela casa toda.

Os dois homens pareceram não ter escutado sua pergunta, pois lançaram-se avidamente sobre os copos cheios de café que Scott lhes servira.

— Ai, está quente!

O penugento por pouco não derrubou seu copo. Suas sobrancelhas eram tão finas que quase não se destacavam da pele do seu rosto.

— Em seu lugar, eu pensaria sobre quem são meus inimigos — disse o bigodudo, calmamente, depois de um tempo.

— Há uma denúncia contra a senhora.

Como um peixe, movia sem parar os lábios para frente e para trás, para esfriar o café quente na sua boca.

— E quem foi que me denunciou? — perguntou Joanna, interessada.

— Infelizmente, não podemos dizer-lhe.

O bigodudo parecia realmente se sentir desconfortável com a situação.

— Mas como poderei defender-me contra tais acusações se ninguém me disser de onde vêm?

Joanna teve de controlar-se para não levantar a voz, de tanta indignação. Se havia algo que odiava era a sensação de impotência. Por que os *piketts* simplesmente não lhe diziam quem a odiava tanto e estava disposto a pôr em risco sua existência? Ou será que havia mais por trás daquilo tudo? Talvez alguém poderoso quisesse estragar seu negócio e buscava por meios oficiais fechar sua cafeteria? Mas por quê? O que o Conselho da cidade de Frankfurt teria contra o Café Mühle? Ela sempre havia pago todos os impostos e taxas, e sempre havia se portado corretamente, ou quase sempre…

Uma onda de desânimo ameaçou engoli-la. De repente, deu-se conta de que, se não descobrisse quem estava por trás do caso da vidente, a vitória momentânea não lhe valeria de nada.

Decidiu, afinal, fazer uma tentativa:

— Não me surpreenderia se tivesse sido aquela ali — disse, indicando com o queixo em direção à Römerberg[4], onde, no início do ano, haviam aberto uma barraca de café. O negócio, pertencente a uma ex-cliente habitual do Café Mühle, era abrigado por uma pequena cabana de tábuas e não representava uma ameaça real para o seu estabelecimento. Contudo, muitos dos clientes de Joanna haviam provado o café da concorrente pelo menos uma vez.

— Não, não, isso podemos assegurar! A Ilse Laubenmacher, da Römerberg, não tem nada a ver com a história. Pode até ser uma concorrente do seu Café Mühle, mas, como se sabe, a concorrência é benéfica ao negócio. A queixa foi dada por alguém completamente diferente.

O penugento esforçava-se por manter um tom negocial, mas se via que, ao contrário do seu colega, estava gostando do seu papel. "Finalmente ele podia fazer uso de todo o seu poder", pensou Joanna, "finalmente não era mais o pobre coitado do qual todos faziam chacota!". Ela já quase se sentia forte novamente, ao olhar a figura obesa parada à sua frente, com o peito estufado, as mãos na cintura e todo o peso jogado na perna de apoio. Fazia tempo que não via alguém tão ridículo. Contudo, não podia deixar a arrogância transparecer, advertiu a si mesma. De que lhe serviria se dissesse ao policial que apenas quatro cafeterias na cidade tinham licença para operar e que a Laubenmacher trabalhava ilegalmente, assim como muitas outras?

— O senhor está certíssimo, senhor capitão! — repetiu ela, com um sorriso humilde nos lábios, a fim de ganhar tempo. — Sem a concorrência, que graça teria o negócio?

4. A Römerberg é a praça da prefeitura de Frankfurt, por muitos considerada a mais bela do centro histórico.

Pensava a quem o policial se referira em seu comentário. "Talvez a vizinha preconceituosa do outro lado da rua, que participava com entusiasmo de qualquer campanha de difamação? Mas denunciá-la à polícia não seria do feitio da comerciante de temperos", pensou Joanna. "Então seria um dos colegas das outras cafeterias da cidade, que intrigava contra ela? Não, também não", corrigiu-se imediatamente. Ela conhecia todos — e nenhum era mesquinho a esse ponto. Quem mais poderia ser considerado seu concorrente?

Subitamente, tudo ficou claro. Como não havia pensado nisso antes?

— Por certo, poderia contar as tavernas de vinho de maçã[5], os alambiques e as cervejarias, que, de certo modo, também são concorrentes — tentou a sorte mais uma vez, sorrindo candidamente para o policial. — Não é mesmo, senhor capitão? Esse pessoal também quer vender o seu peixe, ou melhor, suas bebidas. Então, procuram maneiras de aumentar seus lucros. Se não podem simplesmente ser melhores que os outros, buscam meios de prejudicar a concorrência, não é assim?

— É claro, é claro, o ramo do vinho de maçã também passa por dificuldades — gaguejou o penugento, um tanto pego de surpresa.

Havia acertado em cheio! Joanna teve dificuldade de suprimir um sorriso triunfante. Por outro lado, tinha mais era vontade de chorar. Ela tivera a intuição certa: por trás de toda essa história estava seu velho inimigo Gottfried Hoffmann, produtor de vinho de maçãs de Sachsenhausen[6] — e marido da sua melhor amiga de outrora, Elisabeth. Ele havia pago a falsa vidente para que viesse ao Café Mühle e, ao mesmo tempo, denunciado Joanna ao pre-

5. *Apfelwein* (vinho de maçã) é uma bebida muito difundida no estado alemão de Hesse, principalmente na região de Frankfurt. Difere um pouco da cidra que conhecemos, principalmente pelos tipos de maçãs empregadas na fabricação e também pelo baixo teor de gás carbônico. (N.T.)

6. Sachsenhausen: distrito da cidade de Frankfurt, localizado na costa sul do rio Meno.

boste. Não se passava um mês sem que Gottfried Hoffmann pensasse em algo novo para atazaná-la. A vidente fora apenas mais uma tentativa de prejudicar o seu negócio, assustar seus clientes e chamar a atenção da justiça para ela. Gottfried devia pensar que bastaria jogar bastante sujeira para que, em alguma hora, algo grudasse. Joanna havia pensado mais de uma vez se deveria ela mesma ir ao preboste para dar queixa das armações do taverneiro.

Entretanto, não o tinha feito por Elisabeth. Quando crianças, foram inseparáveis. Haviam roçado os campos lado a lado, subido em árvores frutíferas como moleques e pastoreado as ovelhas. Haviam confidenciado seus maiores segredos uma à outra e rido muito juntas. Somente quando Elisabeth conheceu Gottfried Hoffmann e casou-se com ele, apesar dos conselhos contrários de Joanna, a amizade terminou.

Joanna deixou o olhar vagar pela cafeteria, onde tudo parecia ter voltado ao normal: Ludwig Haldersleben lia seu jornal com a máxima concentração, os jogadores de dados apostavam alegremente aos gritos, o fabricante de pólvora do Eifel conversava baixinho com seu filho, Scott manuseava os potes no fogão, sem muito entusiasmo, e os dois *piketts* preparavam-se para partir. Tudo estava em perfeita ordem — e devia permanecer assim! Ninguém tinha o direito de destruir o seu modo de vida, nem o das filhas de Adam. Nem mesmo Gottfried Hoffmann, nem que fosse casado duas vezes com Elisabeth. Joanna iria acabar com isso definitivamente!